

INFORMAMOS QUE ESTA É UMA PRIMEIRA VERSÃO DO TEXTO APROVADO PARA PUBLICAÇÃO. ESTE ARTIGO AINDA PASSARÁ PELA FASE DE REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO.

ID: 2747

DOI: <https://doi.org/10.30962/ecomps.2747>

Recebido em: 08/04/2023

Aceito em: 09/07/2024

A estreia feminina na narração de futebol na *TV Globo*: repercussões a partir do *Twitter*

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Valci Regina Mousquer Zuculoto

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Cárlida Emerim

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Resumo: A transmissão de jogos de futebol pela *Rede Globo de Televisão* teve uma mulher na narração em canal aberto pela primeira vez em 2022. A função ainda hoje é exercida majoritariamente por homens. Com o objetivo de identificar a repercussão dessa estreia feminina em dois momentos – a semifinal da Supercopa do Brasil Feminina e a cobertura de jogo entre Ceilândia e Botafogo pela Copa do Brasil Masculina –, desenvolveu-se pesquisa qualitativa, a partir de análise semiótica discursiva dos comentários de usuários do *Twitter*. Identificou-se a permanência de uma estrutura de preconceito de gênero no âmbito do futebol e a demarcação desse espaço ainda estabelecido como de poder masculino.

Palavras-chave: Narração de Futebol. Mulheres. Semiótica Discursiva. *Rede Globo de Televisão*. *Twitter*.

The female debut in soccer broadcasts on *TV Globo*: repercussions on *Twitter*

Abstract: The soccer games broadcasts by *Rede Globo de Televisão* had a woman as main commentator on an open channel for the first time in 2022. This function is still performed mostly by men. In order to identify the repercussion of the female debut in two moments - the semifinal of the Women's *Supercopa do Brasil* and the coverage of the game between Ceilândia and Botafogo for the Men's *Copa do Brasil* -, a qualitative research was developed, based on discursive semiotic analysis of *Twitter* users comments. It was identified the permanence of a structure of gender prejudice in the context of soccer and the demarcation of this space still established as male power area.

Keywords: Soccer Commentator. Women. Semiotics. *Rede Globo de Televisão*. *Twitter*.

El debut femenino en la narración de fútbol en *TV Globo*: repercusiones desde *Twitter*

Resumen: La transmisión de partidos de fútbol de la *Rede Globo de Televisão* tuvo una mujer en la narración en un canal abierto por primera vez en 2022. La función aún es desempeñada mayoritariamente por hombres. Con el objetivo de identificar la repercusión del debut femenino en dos momentos - la semifinal de la *Supercopa do Brasil Femenina* y la cobertura del partido entre Ceilândia y Botafogo por la *Copa do Brasil Masculina* -, se desarrolló una investigación cualitativa, a partir del análisis semiótico y del discurso de los comentarios de los usuarios de *Twitter*. Se identificó la permanencia de una estructura de prejuicio de género en el contexto del fútbol y la demarcación de ese espacio aún establecido como de poder masculino.

Palabras clave: Narración de Fútbol. Mujeres. Semiótica. *Rede Globo de Televisão*. *Twitter*.

Introdução

A voz de uma mulher narrando um gol em uma transmissão de partida de futebol foi ouvida no canal aberto da *Rede Globo de Televisão* pela primeira vez na tarde de 9 de fevereiro de 2022: Renata Silveira narrou a partida entre Grêmio (RS) e Flamengo (RJ), válida pela fase semifinal da Supercopa do Brasil de Futebol Feminino. Algumas semanas depois, no mesmo canal, a profissional se tornou a primeira voz feminina a narrar um jogo de futebol masculino. Renata não foi a primeira a assumir a função na televisão aberta brasileira. O feito, conforme pesquisas evidenciam até o momento, é de Luciana Mariano, no final da década de 1990 (Ferro, 2021). Mas a atuação de Renata Silveira é representativa devido à centralidade da *Rede Globo* na história das transmissões televisivas de futebol (Santos, 2013) e pelo tempo que demorou para que uma mulher ocupasse esse lugar neste canal. Há um contexto de exclusão por gênero que perpassa o jornalismo esportivo no Brasil e, principalmente, no que se relaciona à narração.

Considerando esse cenário e entendendo o futebol como “lugar da expressão de uma masculinidade [...] agressiva” (Rial, 2003, p. 74), mesmo que já não tão mais majoritária, como analisa a própria Rial (2003), desenvolve-se esta pesquisa sobre a narração esportiva por mulheres, ainda em caráter inicial. A intenção é compreender quais significações e interpretações podem ser identificadas na repercussão da estreia feminina na narração em duas transmissões do canal aberto da *Rede Globo de Televisão*, mapeando as dinâmicas que se apresentaram sobre o tema. Assim, a partir da reação de uma parte do público à estreia de Renata Silveira como primeira narradora da *TV Globo*, elaborou-se uma pesquisa qualitativa

com apoio da análise de inspiração semiótica no âmbito discursivo sobre os comentários de usuários do microblog *Twitter*¹.

O *corpus* do estudo compreende dois momentos: a exibição da semifinal da Supercopa do Brasil de Futebol Feminino entre Flamengo e Grêmio, no dia 9 de fevereiro de 2022, entre 15h20 e 17h44, para toda a rede nacional da emissora; e a cobertura do jogo entre Ceilândia e Botafogo, válido pela terceira fase da Copa do Brasil de Futebol Masculino, no dia 20 de abril de 2022, entre 21h30 e 23h30, direcionada a algumas praças regionais da *Globo*. As duas transmissões foram escolhidas por representarem, respectivamente, o primeiro jogo de futebol narrado por uma mulher em canal aberto do conglomerado televisivo em questão e a estreia de uma mulher na narração de um jogo profissional de futebol masculino na mesma emissora.

A estratégia de mapeamento buscou, retroativamente, por *tweets* com a palavra “globo” que foram postados sobre a partida feminina, no intervalo entre 15 horas e 18 horas do dia 9 de fevereiro de 2022, e entre 21 horas e 23h59 de 20 de abril de 2022, data do jogo de futebol masculino. Para a coleta das postagens foi utilizada a ferramenta *TweetDeck*². O *Twitter* foi considerado para a análise a partir da compreensão da existência de novos hábitos de consumo televisivo estabelecidos a partir de novos padrões para a comunicação que se desenvolve na internet, como discute Ortiz (2013). Nesse sentido, Zago (2014) avalia que essa mudança de comportamento está relacionada à superação de barreiras de acesso às ferramentas de produção. “Com isso, as audiências podem trazer contribuições ao processo jornalístico ao incluir camadas de significação ao acontecimento jornalístico” (Zago, 2014, p. 49). Segundo Ortiz (2013), tornou-se comum que o conteúdo televisivo tenha repercussão em tempo real nos sites de redes sociais digitais.

Muitos programas mobilizam discussões nas redes durante a sua exibição, através de *hashtags* ou mesmo de perfis dos apresentadores ou da própria produção do programa. Esse padrão de consumo aponta para alterações na forma de assistir TV. É notável, por exemplo, a maneira como as pessoas têm se mobilizado a discutir o conteúdo televisivo ou recomendar programas por meio dos sites de redes sociais. Este tipo de comportamento é viabilizado em grande parte por conta do hábito de se utilizar as mídias sociais em vários dispositivos, como *smartphones*, *laptops* e *tablets*, combinando a TV com o uso do Twitter, Facebook, mensagens de texto, chamadas de voz e fóruns de discussão sobre o que se assiste (Ortiz, 2013, p. 19-20).

¹ O Twitter é uma plataforma de mídia digital privada em que é possível ter acesso a informações a partir de publicações (*posts*) de seus usuários. Desde o segundo semestre de 2023, a empresa adotou outro nome para sua autoidentificação: X.

² Ferramenta em que é possível acessar listagem de conteúdos anteriores compartilhados no *Twitter*, à época da coleta ainda de forma gratuita – o que foi alterado posteriormente pela empresa. Disponível em: <https://tweetdeck.twitter.com/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

Em seu levantamento de comentários publicados no *Twitter* durante jogos de futebol transmitidos pela *Rede Globo* em 2012, a autora identifica que há uma preocupação dos telespectadores/usuários em se mostrarem participantes e compartilharem o momento, sem necessariamente estabelecerem uma relação próxima com outros telespectadores/usuários (Ortiz, 2013). Para a autora, a reflexão sobre a audiência televisiva a partir das interações por sites de redes sociais possibilita que se olhe “para novas competências de recepção e novas ritualidades que surgem com as potencialidades oferecidas pela comunicação que se desenvolve na web” (Ortiz, 2013, p. 32).

O objetivo aqui é também observar *tweets* postados durante transmissões de jogos de futebol, já citadas, mas a partir de uma perspectiva semiótica, buscando “explicar o ou os sentidos do texto pelo exame, em primeiro lugar, de seu plano de conteúdo” (Barros, 2005, p. 13) em prol de discutir especificamente sentidos e processos de significação presentes nas interações de *tweets* sobre a repercussão a respeito do ineditismo da narração feminina. Como explica Assis e Emerim (2017, p. 4), a centralidade no texto – termo que se refere, segundo as autoras, a qualquer objeto analisado a partir da semiótica –, “não limita o estudo analítico, ele é o ponto de partida para a compreensão do processo que o engendra, considerando o contexto, a produção e a recepção”.

Inicialmente, a partir da busca pelas publicações feitas no *Twitter* com a palavra “globo”, nos horários especificados, foram coletados *tweets* sobre a transmissão dos dois jogos pesquisados - a semifinal da Supercopa do Brasil de Futebol Feminino entre Flamengo e Grêmio e a partida entre Ceilândia e Botafogo pela terceira fase da Copa do Brasil de Futebol Masculino. Em sequência, foram identificadas as postagens que continham alguma referência à narração de Renata Silveira, dando-se atenção também aos comentários feitos para as mesmas, com destaque para alguns *tweets* que mobilizaram muitas respostas, como publicados por Renata Mendonça, Ana Thaís Matos e o blog *Dibradoras*.

A organização da coleta não envolveu a contagem numérica de *posts*, devido ao extenso montante total de publicações, coletadas manualmente, e pelo fato de o quantitativo nada acrescentar para o estudo dos mecanismos que fazem parte da estrutura significativa (Assis; Emerim, 2017) e para a análise de sentidos na observação do plano de conteúdo. Os *tweets* identificados com comentários a respeito da narração de Renata Silveira nas duas

ocasiões observadas foram analisados compreendendo o percurso gerativo do sentido, exposto por Barros (2005) da seguinte forma:

[...] a) o percurso gerativo do sentido vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto; b) são estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis; c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima; d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito; e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação (Barros, 2005, p. 13).

Como Barros (2005) explica, o objetivo da semiótica é procurar elucidar o que o texto sob análise diz (análise de conteúdo) e como ele faz para dizer o que diz (análise de expressão). Elaborar-se, assim, na sequência, alguns elementos teóricos utilizados como referência para a análise e o que se identificou a partir de publicações feitas no *Twitter*, a respeito da repercussão da estreia feminina na narração em transmissões do canal aberto da *Rede Globo de Televisão*³.

Futebol e gênero

A análise a partir da identificação da categoria gênero se fundamenta no escopo teórico que considera os estudos feministas para a compreensão das realidades que englobam o futebol, principalmente em suas especificidades no que se relaciona ao Brasil⁴, e o jornalismo – aqui, o esportivo. Por gênero, entende-se, como explica Scott (1995, p. 76), que há “todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado por ele”. De acordo com a autora, o termo enfatiza que há um aspecto relacional naquilo que se define como normativas da feminilidade e é utilizado para a abordagem a respeito das relações sociais entre os sexos (Scott, 1995). “O termo “gênero”, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro” (Scott, 1995, p. 75).

³ Para fins de análise, separam-se os elementos de conteúdo e expressão, mas é preciso entender que eles estão relacionados e as respostas estão no seu processo relacional, seguindo os preceitos da semiótica discursiva.

⁴ De acordo com Goellner (2005), no Brasil, o futebol é uma modalidade esportiva considerada pelo imaginário social como parte de uma identidade nacional.

A forma como essa relação se estabelece quando o assunto é o futebol traça exemplos visíveis dessa implicação. No âmbito desportivo, por exemplo, Goellner (2005) aponta dois argumentos utilizados para explicar a pouca visibilidade que as mulheres tinham, até a época, no futebol brasileiro. São eles: “a aproximação, por vezes recorrente, entre o futebol e a masculinização da mulher e a naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza” (Goellner, 2005, p. 143) – esta diretamente vinculada ao olhar do outro. “Afinal, o homem [...] é o modelo a partir de qual o corpo e o comportamento da mulher são julgados, estigmatizando aquelas que ultrapassam os limites que convencionalmente lhe foram impostos” (Goellner, 2005, p. 148).

Universo caracterizado como próprio do homem, conforme elabora Goellner (2005), o futebol ainda envolve um lugar de resistência ao feminino, o que não se reduz à prática esportiva. Ela está refletida também na autorização dos sujeitos que informam e opinam sobre a modalidade. De acordo com Pacheco e Silva (2020, p. 2), “as condições de desigualdades e constrangimentos que acometem as mulheres atletas não são estranhas às experiências de jornalistas que trabalham cobrindo a área de esportes”. Os autores consideram, ainda, que, controlado por homens, o jornalismo esportivo também é direcionado, em sua maioria, para a audiência masculina. Nesse contexto, estabeleceu-se, historicamente, como explica John (2015), um discurso de que a mulher não entende de futebol e, por isso, não estaria qualificada para falar sobre ele profissionalmente.

A autora considera que a invisibilidade das mulheres nessa área, especificamente, contribui para que o jornalismo esportivo atue no reforço dos estereótipos ligados a gênero (John, 2015). Assim, se torna instrumento não só para a representação desses estereótipos, mas também para a sua reafirmação, nos moldes de uma tecnologia de gênero, assim como discute Lauretis (2019). A partir dele, atua o sexismo, conforme Araújo e Ventura (2021, p. 5), “diferenciando homens e mulheres, sustentando um sistema discriminatório com base no sexo e no gênero”. Dessa forma, ainda hoje, é percebida como natural a ausência de mulheres em funções como a narração em transmissões de jogos de futebol. Por isso, há uma expectativa de reação imaginada para a presença feminina em espaços de um mercado em que ainda há cerceamento à participação de mulheres.

Estreia na *Globo*

Na abertura da transmissão da semifinal da Supercopa Feminina, no meio da tarde de 9 de fevereiro de 2022, Renata Silveira informou ao público sobre o ineditismo de ser uma mulher a narrar um jogo na emissora, reforçou a troca positiva com os comentaristas Júnior, ex-jogador de futebol, e Renata Mendonça, para quem afirmou: “hoje é um dia muito especial não só para nós, mas para todas as mulheres que batalham para chegar onde elas sonham” (Transmissão, 2022). Renata Silveira fez uma brincadeira com a colega, reforçando que elas combinaram de não chorar já no início do programa ao vivo e demonstrou intenção de dar continuidade normal aos trâmites protocolares da transmissão. Júnior, entretanto, a interrompeu para a entrada de um vídeo: “tem um recadinho da nossa galera que, como você, são os nossos narradores” (Transmissão, 2022).

Na sequência, foram veiculadas mensagens curtas de Cleber Machado (narrador), Ana Thaís Matos (primeira mulher a atuar como comentarista em transmissões da emissora), Luís Roberto (narrador) e Galvão Bueno (principal narrador da emissora), que tem mais tempo de fala e dá as boas-vindas à narradora, como uma bênção à presença dela na função. Renata Silveira agradeceu aos que gravaram as mensagens para lhe dar apoio na estreia, reforçou que sua trajetória na narração começou em 2014 e deu sequência à transmissão, que contou com reportagens de Eric Faria (que, normalmente, acompanha o time masculino do Flamengo) e Kelly Costa, além de comentários de Fernanda Colombo sobre arbitragem. Ao final da transmissão, com encerramento já atrasado na grade de programação da emissora em decorrência da disputa de pênaltis que classificou o Grêmio (RS) à final da Supercopa do Brasil de Futebol Feminino, a narradora, Renata Silveira, entre as letras dos créditos que subiam sobre a imagem, disse: “um rápido recado para as meninas do Brasil: acreditem, vocês podem estar onde quiserem” (Transmissão, 2022).

Essa não foi a primeira vez que uma mulher narrou uma partida de futebol profissional na televisão aberta. Luciana Mariano foi a primeira, em 1997, em transmissões do Torneio Primavera de Futebol Feminino, na *Rede Bandeirantes de Televisão* (Ferro, 2021). Ela também narrou partidas de futebol masculino, ainda na década de 1990, na *TV Pernambuco*, em transmissões do Campeonato Estadual, dividindo a função com Luciano do Valle. Em 2018, a *Rede Vida de Televisão* transmitiu jogos de categorias de base com narração de Elaine Trevisan e Viviane Falconi. Elaine teve uma primeira experiência como narradora na mesma

emissora em 2016. Entre 2019 e 2021, Natália Lara realizou a narração de torneios de futebol feminino pela *TV Cultura*. Em 2020, Manuela Avena atuou como narradora em transmissões da Copa do Nordeste pela *TV Aratu* (BA) e Isabelly Moraes foi contratada pela *Rede Bandeirantes* para narrar transmissões do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino na emissora. Fez sua estreia em 1º de novembro de 2020 e permaneceu até o início de 2023.

O ineditismo tardio de Renata Silveira ganha destaque nesta pesquisa por causa da especificidade da *Rede Globo*, que mantém privilégio nas transmissões de competições de futebol profissional no país. De acordo com Santos (2013), há, no Brasil, um monopólio de decisões sobre a transmissão de campeonatos nacionais de futebol em TV aberta, que é estabelecido pela *Rede Globo de Televisão*. Uma relação que também alcança definições relativas a torneios internacionais da modalidade, como descrevem Vimieiro *et al* (2019).

No Brasil, a indústria do futebol e a maior rede de TV, a Rede Globo, têm uma inter-relação de mútua dependência que foi construída através dos acordos comerciais firmados ao longo dos anos para a comercialização dos direitos de transmissão de jogos de futebol. Desde que os jogos de futebol começaram a ser televisionados ao vivo no país, na década de 1970, a Globo marca presença na transmissão de alguns dos principais eventos nacionais e internacionais do esporte, como o Campeonato Brasileiro e as Copas do Mundo da FIFA. Em relação à Copa do Mundo da FIFA, a Globo transmite o evento desde que este foi televisionado ao vivo pela primeira vez no Brasil, em 1970. Desde a década de 1970 até o final da década de 1990, a emissora não detinha direitos exclusivos de transmissão. A partir da Copa do Mundo de 2002, no entanto, o relacionamento entre a Globo e o evento da FIFA se intensificou, com a empresa adquirindo os direitos de todas as mídias das edições desde então e sub-licenciando, quando conveniente, a transmissão para outras emissoras (Vimieiro *et al.*, 2019, p. 21).

Ainda que a *Globo* tenha revisto o modelo de distribuição da verba dos direitos de TV em decorrência da concorrência e que seu domínio seja desafiado, atualmente, por novos modelos de transmissão, conforme relatam Vimieiro *et al* (2019), a emissora permanece como principal referência no que se relaciona às transmissões de jogos de futebol profissional - ressaltando-se também o quão expressivo é o futebol na história e contexto brasileiro assim como na construção de uma identidade nacional (DaMatta, 1982). É representativo o fato de que somente em 2022 o canal aberto da *Globo* tenha a estreia de uma mulher em uma função central do contexto de exibição de competições de futebol.

As transmissões televisivas de jogos de futebol

A primeira transmissão de futebol na TV brasileira foi feita pela *TV Tupi*, em 1950 (Morgado, 2020). Ainda na mesma década, a *TV Paulista* também realizava transmissões da modalidade, assim como *Record* e *TV Rio* (Savehnhago, 2011). “As primeiras partidas transmitidas pela televisão eram consideradas sem muita emoção, monótonas. Isso era atribuído ao fato de os locutores tentarem dar uma nova forma de narração, que diferenciasse do rádio” (Guerra, 2006, p. 100). Na *Rede Globo de Televisão*, a estreia desse tipo de cobertura só se deu na década de 1960. “Em 21 de novembro de 1965, a Rede Globo fez a sua primeira transmissão de uma partida de futebol (um compacto que durou 40 a 45 minutos). Sob locução e comando de Teixeira Heizer, a emissora transmitiu o amistoso em que o Brasil empatou com a União Soviética por 2 a 2 no Maracanã” (Santos, 2013, p. 131).

Como acrescenta Guerra (2006), cinco anos depois da estreia, a *Globo* transmitiu, em parceria com outras emissoras, sua primeira Copa do Mundo de Futebol Masculino - a de 1970, realizada no México e conquistada pela seleção brasileira. A partir de então, o conglomerado pavimentou sua trajetória no âmbito esportivo para se tornar a principal exibidora de torneios de futebol masculino na TV aberta e também protagonista nas decisões de transmissão relacionadas ao futebol brasileiro (Santos, 2013). Assim, também contribuiu para o estabelecimento de uma forma específica de transmitir os jogos, que se apropria de elementos inicialmente testados no âmbito radiofônico, adaptando-os, como no caso das funções acionadas durante a irradiação: repórteres (de campo, de torcida etc.), comentaristas (geral e de arbitragem) e narrador(a).

A figura do narrador, ou narradora, permaneceu nas transmissões, como mediador central da relação entre o espetáculo e o torcedor (Guerra, 2006). A narração se caracteriza, segundo Schinner (2004), pela descrição, relato, ato de contar ou transmitir um evento esportivo, envolvendo também a interação com ouvintes e espectadores. De acordo com Rial (2003), faz parte do papel do locutor ler e interpretar o jogo e, com isso, contribuir na condução de interpretações possíveis para o espectador. A voz do narrador pode ser designada como transmissora da mensagem linguística, segundo a autora (Rial, 2003).

No Brasil, as transmissões televisivas adotaram inicialmente o modelo radiofônico de um locutor que canta a partida, esclarecendo o ouvinte sobre que jogador detém a posse da bola e qual a sua posição no campo. Sempre que possível, o narrador deveria indicar também quais as possibilidades de ação futura (“Pode passar a bola para fulano” “Fulano está livre na esquerda esperando o passe”, “Se chutar a gol é

perigo”). O tom utilizado era alto e exaltava-se à medida que o jogador aproximava-se do gol adversário, subindo também a velocidade da narrativa, para atingir o ápice no momento do gol, transformando-se em um grito a plenos pulmões (Rial, 2003, p. 64-65).

A autora explica que a aproximação das câmeras permitiu um distanciamento da voz, exigindo menor atuação descritiva de quem narra e abrindo espaço para incursões opinativas e na condução do espectador (Rial, 2003). Contudo, o que, por muito tempo, não esteve em questão era a exclusividade do exercício da função, garantida a homens. Apesar de as primeiras transmissões televisivas de jogos de futebol terem sido realizadas na década de 1950, já com a figura presente do narrador, somente no final da década de 1990, uma mulher assumiu a função - Luciana Mariano, em 1997, após vencer um concurso na *Rede Bandeirantes de Televisão*. “Dois anos depois, foi responsável pela narração de partidas do Campeonato Pernambucano, em projeto dividido com Luciano do Valle. Ela voltaria a narrar somente cerca de 20 anos depois, pelo canal ESPN” (Ferro, 2021, p. 8). Em 2018, dois concursos, desenvolvidos em formato de *reality shows*, inseriram narradoras na programação de televisão, dessa vez em canais pagos. O *Esporte Interativo* realizou a seleção *A Narradora Lay’s* e a *Fox Sports* fez a primeira edição da competição *Narra Quem Sabe* (Ferro, 2021). Ambos tinham o objetivo de escolher mulheres para serem narradoras de jogos de futebol. Somente a partir de então que emissoras começaram, lentamente, a se movimentarem para a contratação de mulheres para a narração. Atualmente, além de Isabelly Moraes, Renata Silveira e Natália Lara, que integram o *Grupo Globo*, Luciana Mariano, Elaine Trevisan e Milla Garcia são contratadas para a função pelo *Grupo Disney*.

Entre os aplausos e a misoginia

A estreia de Renata Silveira na narração de jogos de futebol no canal aberto da *Rede Globo*, considerando a dificuldade de inserção profissional de mulheres para o exercício da função e a centralidade da emissora no cenário de transmissões da modalidade no Brasil, agrega elementos importantes sobre o tema. Afinal, como analisa Rial (2003, p. 62), a “televisão reflete (e constrói) imaginários sociais através de suas imagens e discursos” e também por meio de quem os apresenta. Esta análise da repercussão dos primeiros jogos com o ineditismo da voz feminina oferece também essa possibilidade da identificação de elementos que são associados à relação entre futebol e questões de gênero por usuários da

plataforma digital aqui considerada, normalmente espectadores de telas simultâneas e, às vezes, também de emissoras simultâneas.

No primeiro período de coleta de *posts*, os termos relacionados ao jogo entre Flamengo (RJ) e Grêmio (RS) apareceram nos *trending topics* do *Twitter* entre os 20 assuntos mais comentados no Brasil, como as *hashtags* #MeninasDaGavea, #SupercopaFeminina, #SupercopaFeminina2022 e também nomes de jogadoras, mas *Chelsea* continuou em primeiro na listagem durante toda a partida, indicando um recorte de nicho entre os espectadores de futebol. O jogo da Supercopa Feminina foi realizado em horário logo após partida do Campeonato Mundial de Clubes de Futebol Masculino, entre Al Hilal e Chelsea, transmitida pela *Rede Bandeirantes* com repercussão no *Twitter*. Em algumas publicações, identificou-se oposição entre futebol feminino, em um contexto negativo, e o futebol masculino em sentido eufórico, com o argumento de que a *Globo* só estaria transmitindo jogo de futebol feminino, e com uma narradora, porque não comprou os direitos de transmissão do Mundial.

No primeiro momento, é perceptível um alcance limitado do fato inédito da narração de Renata Silveira em transmissão de um jogo de futebol feminino, em horário que não é tradicional do esporte na emissora – durante a semana no período vespertino. Em alguns momentos, percebeu-se que a surpresa da voz feminina na narração se misturou à surpresa por haver a transmissão de um jogo de futebol feminino, mesmo não sendo algo inédito. Também se verificou estranhamento pela transmissão da modalidade naquele horário, em que normalmente são veiculados filmes e reprises de novelas. Tal como no texto recortado aqui: “Vei eu acabei de ver um jogo de time feminino na Globo com uma narradora mulher? Eu tô em um universo maluco [sic]”.

Neste nível inicial da estrutura discursiva, percebe-se o reforço da experiência da rotina, mas sem uma referência direta à narração feminina. Há outros relatos que merecem destaque como o de pessoas dividindo a experiência enquanto audiência, reforçando a própria percepção a partir de sua comprovação particular: referência a pai que assistiu a jogo de mulheres pela primeira vez; a mãe que parou em frente à TV para ver um jogo de futebol, o que não é hábito. Mas, novamente, aparecem pessoas que apontaram a transmissão do jogo de futebol feminino na *Rede Globo* como decadência, o que já demonstra e reforça as contradições. O relato de experiência como referência comprobatória para uma realidade que

seria, então, generalizada, é recorrente, inclusive nas opiniões sobre a narração: se o usuário do *Twitter* avaliou a narradora como “sem emoção” ou como alguém que “torce demais”, aquele argumento se torna suficiente para que ele considere que o que diz tem valor de verdade.

Os argumentos utilizados para dar efeito de verdade ao que é exposto nos textos analisados remetem a um discurso de autoridade, principalmente em perfis em que é possível identificar o enunciador como homem. Há comentários em que essa ideia de autoridade para avaliar o trabalho da narradora fica explícita, como em: “Péssimo narradora quando vc está narrando eu procuro não assistir nada pessoal sim pela qualidade vc não narrar vc só grita eu prefiro Natália vc muito fraca [sic]”; “Não vi nada demais, ela tem muito ainda pra melhorar, por enquanto uma nota 5,0”; “incrível como é horrorosa e irritante a narração da Renata Silveira, impressiona!!! zero de qualidade técnica, 100% cota”; “Ainda não tem como assistir futebol masculino narrado por voz feminina, pois ainda estão longe do conhecimento dos narradores masculinos sobre o futebol, não q elas não conheçam o esporte, mais parece uma narração forçada, sem integração a este esporte [sic]”.

Do ponto de vista da interpretação, as críticas à qualidade da narração aparecem como tentativa de atenuação do machismo em comentários que seguem ideia que pode ser resumida na seguinte frase: “não tem problema narrar, MAS essa é péssima” [grifo do conteúdo original]. Forma-se assim uma oposição entre “narração por mulher” e “narradora ruim” que busca fabricar uma ideia de uma opinião que seria técnica, ausente de preconceito, mas que tem caráter misógino e reforça a resistência à figura feminina no universo do futebol, especificamente. Pode-se dizer que é misógino pois do ponto de vista técnico a narradora segue os preceitos exigidos para a narração do esporte e tem experiência de atuação. Sendo assim, a opinião não gostar da narração seria mais objetiva do que a pseudo análise técnica expressa. Em contrapartida, foram identificadas também publicações nas quais há o reforço da relevância da estreia de uma narradora na *TV Globo*, em maioria acionando efeito de proximidade a partir da ideia de sororidade feminina – ou, em menor ênfase, por parte de homens que se posicionam como aliados. Neste aspecto, a análise mostra que, além da opinião, aparecem também comentários técnicos que apontam qualidade na atuação.

O fator histórico, reforçando o argumento que problematiza a ausência de mulheres na narração de jogos de futebol na emissora por mais de 50 anos, é acionado por diversas vezes

nos comentários, principalmente quando se verifica que a autoria é de mulher. Há, inclusive, um *tweet* em que o argumento que reforça o efeito de proximidade⁵ é a identificação de que as críticas à qualidade da narração feminina seriam oriundas exclusivamente de homens: “fui ver os comentários sobre a nova narradora de futebol na Globo e adivinha? Só tem homem reclamando, bando de corno odeio vcs [sic]”. Apesar da estratégia discursiva, o argumento não se confirma na análise das publicações: assim como há homens com *posts* em que é perceptível o discurso de apoio, foi possível identificar pelo menos três em que uma mulher assume no texto a narrativa da função como um papel que não corresponde à prática feminina - há maior quantidade na análise da repercussão do segundo jogo.

Também pode ser indicada, a partir da análise, a presença de questionamentos a respeito da relevância histórica da estreia de uma narração feminina na *Globo*. Enquanto há uma percepção grande do reforço dessa forma de apresentar o fato nos *tweets*, também estão presentes comentários que buscam a relativização, acionando argumentos para reduzir a relevância do fato comentado, como em duas respostas a um *post* da comentarista Renata Mendonça em seu perfil pessoal: “‘Esperamos por mais de 50 anos por esse momento’. @renata_mendonca Tenho percebido q a motivação de mulheres p narrar jogos de futebol é recente. Vc tem algum estudo ou relato de mulheres q trabalhavam no jornalismo esportivo e foram impedidas pelas emissoras de tv? é só curiosidade [sic]” e “50 anos dá 1972... Antes disso vocês já estão esperando isso? É muito exagero sim! [sic]”.

Renata Silveira voltou a narrar no canal aberto da *Rede Globo* no domingo, dia 13 de fevereiro de 2022, no turno matutino: a final da Supercopa do Brasil de Futebol Feminino, entre Corinthians e Grêmio. Apesar do horário mais habitual para a transmissão esportiva, principalmente de outras modalidades que não o futebol e outras experimentações da emissora, entende-se que haveria uma repercussão próxima à da estreia, também em partida de futebol feminino. Por isso, optou-se por ampliar a análise para a primeira narração por mulher em uma transmissão de jogo masculino, em 20 de abril de 2022, em transmissão de partida válida pela terceira fase da Copa do Brasil de Futebol Masculino, entre Ceilândia (DF) e Botafogo (RJ).

A estreia foi transmitida para algumas praças da emissora: Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Pernambuco, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Distrito

⁵ Em tempo, por efeito de sentido de proximidade compreende-se uma familiaridade da audiência com uma prática comum e repetida de estrutura discursiva que lhe dá esta “sensação/efeito” de pré-conhecimento.

Federal. Nos outros Estados, que formam maioria na rede⁶, os telespectadores tiveram acesso a Portuguesa (RJ) x Corinthians (SP), com narração masculina. A narradora dividiu a transmissão com os ex-jogadores Júnior e Roger Flores e a ex-árbitra Janette Arcanjo nos comentários. A escolha da emissora por promover essa estreia em partida do Botafogo remete a uma narrativa construída anteriormente, e presente em alguns dos *tweets*, que estabelece a narradora como um amuleto de sorte da equipe⁷. A primeira vez que Renata Silveira narrou em transmissão do canal pago do Grupo Globo, o Sportv, também havia sido partida da equipe carioca, que venceu o Motoclub (MA) com diferença extensa de gols, 5 a 0 – no dia 10 de março de 2021.

Considerando o plano de conteúdo dos *posts* de 20 de abril de 2022, coletados a partir da busca pela palavra “globo” que se referiram à narração de estreia de Renata Silveira em transmissões de futebol masculino da Globo, entre 21 horas e 23h59, observou-se duas construções narrativas semelhantes ao que se percebe a partir da análise do jogo anterior, de futebol feminino: uma reforçando o fator histórico do ineditismo da estreia, e a relevância do acontecimento no contexto das discussões de gênero, e outra acionando elementos da percepção particular e de conceitos pré-concebidos a respeito do masculino/feminino em relação ao futebol para reafirmar o estranhamento ao fato e a resistência à presença de uma mulher na função em questão. Há, em paralelo, outras duas narrativas que se contradizem na elaboração dos textos, que se referem ao time: a narradora como elemento de sorte para a equipe botafoguense, que volta a golear (a equipe carioca venceu por 3 a 0) em oposição à ideia de que a emissora não escalaria uma narradora para um jogo de times que os enunciadorees consideram como maiores. Há um *tweet*, por exemplo, em que o enunciador demarca sua crítica com uma sequência de 45 pictogramas conhecidos como *emojis* representando gargalhada jocosa e a frase: “time pequeno = narração pequena - que a globo não se atreva a fazer isso com times grandes [sic]”.

Em observação geral dos *tweets* coletados nesta segunda etapa de análise, é perceptível que há menor presença de comentários em que se pode identificar o emissor como

⁶ Informação sobre praças da Rede Globo que transmitiriam Portuguesa (RJ) X Corinthians (SP) disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/copa-do-brasil/noticia/2022/04/20/portuguesa-rj-x-corinthians-veja-onde-assistir-escalacoes-desfalques-e-arbitragem.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2022.

⁷ Há informação a respeito em site de notícias feito para e por torcedores do Botafogo (RJ). Disponível em: <https://www.fogaonet.com/noticias-do-botafogo/amuleto-do-botafogo-renata-silveira-fara-narracao-historica-na-globo-que-todo-esse-astral-e-energia-me-acompanhem/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

do sexo feminino - as publicações de mulheres são bem mais presentes no período relativo ao jogo da Supercopa de Futebol Feminino. Os textos analisados nesse segundo momento têm menor incidência de afirmações sobre o fator histórico do ineditismo da narração por uma mulher e acionam menos efeitos de sentido de representatividade. Há também maior ocorrência de argumentos que remetem à masculinidade, machismo e misoginia. Essas características são comuns no contexto esportivo, inclusive acionadas pela mídia. Araújo e Ventura (2021), por exemplo, analisam que “a misoginia enquanto uma propriedade do ambiente social, que busca punir as mulheres que fogem dos padrões definidos para a feminilidade, atuou e se revelou marcante na forma como o jornalismo esportivo tratou o futebol feminino no decorrer do tempo” (Araújo; Ventura, 2021, p. 14-15).

A misoginia está presente também nas elaborações discursivas dos comentários de usuários do *Twitter* relativos à estreia de uma narradora em transmissão de futebol masculino da *Rede Globo*. Em “Tem um espaço nas forças armadas. Bora?”, por exemplo, o enunciador utiliza o argumento de não obrigatoriedade de alistamento militar para as mulheres com o objetivo de menosprezar a inserção delas em uma área profissional da qual ainda são excluídas, mesmo que já com alguma presença, para reforçar que elas não precisam/querem/deveriam estar em todos os lugares. Há ainda uma atenção a detalhes específicos que são utilizados como argumentos para reiterar o não pertencimento da mulher àquele lugar, como se não fossem erros ou práticas também passíveis de ocorrência entre homens, como em: “E a narradora do jogo do Botafogo com todo padrão globo de qualidade, as câmeras etc que deu uma tossida no microfone”; “futebol é emoção, e nesse quesito ela deixa muito a desejar” e “Pqp q narradora horrenda essa da globo, errou o nome do jogador 3 vezes [sic]”.

É possível identificar pontualmente alguns textos em que há uma narrativa que busca justificar o estranhamento à voz feminina na narração remetendo ao efeito sentido de familiaridade. Emerim (2020) indica a produção desse tipo de efeito de sentido, por exemplo, na manutenção de um mesmo cenário em telejornais, o que produz tranquilidade, estabilidade e confiança. O elemento é mobilizado também na manutenção de uma mesma ordenação no formato das transmissões esportivas. Trata-se da repetição da estrutura discursiva. “Há uma repetição dia após dia, ano após ano, do formato do programa, das formas de interpelação, apresentação e condução” (Emerim, 2020, p. 8). Algo que ocorre, inclusive, com a

perpetuação da voz masculina como condutora da narração. Há, desta forma, uma quebra da narrativa tradicional, do paradigma que, de fato, provoca, em um primeiro momento, estranhamento. Porém, estranhamento e surpresa à diferença.

Algo que é percebido por alguns usuários do *Twitter*, como é o caso dos seguintes textos, coletados em comentários de uma publicação do blog *Dibradoras* em seu perfil no *Twitter*, sobre o ineditismo: “Acho ela boa. No começo, achava ruim até perceber que era só falta de costume em assistir futebol com uma voz feminina narrando. E acho que é a mesma coisa que acontece com a maioria dos que ainda acham ela ruim”. E, na continuação das respostas vinculadas: “Mesma coisa aqui. Estranhei muito nas primeiras vezes que escutei mas elas tão cada dia com mais qualidade e vão criando o jeito delas de narrar [sic]”. O *post* inicial, do *Dibradoras*, inclusive, reúne muitos comentários como em uma disputa de narrativas a respeito do fato. Nestes, a presença feminina é mais percebida na discussão, mas há também a argumentação masculina para a desqualificação do que é apresentado.

Estão presentes os sentidos identificados nos textos do primeiro jogo analisado, entretanto, é possível inferir que há mais intensidade e agressividade nos argumentos. Há a apropriação de um lugar de avaliação técnica para desmerecer a prática da narração por mulheres, como em: “Sinceramente, que narração horrível, a sensação que dá é que parece um maloqueiro/malandro narrando, precisa melhorar e muito o encaixe das falas no jogo”. É possível identificar perfis que seriam de mulheres que reforçam a negação à narração feminina como adequada. Um exemplo está em *post* com o seguinte conteúdo: “Sou mulher e nao gostei não. Mal dava de ouvir a voz dela. Nam gostei nao [sic]”.

Também está presente o elogio no comparativo com a narração masculina, tendo o homem como referência de narrador. “Essa narradora da Globo é melhor que muito narrador aí”, é o que está escrito em um *tweet*. Há, inclusive, muitas citações de narradores que seriam piores que a Renata, em uma estrutura que parece enaltecê-la, mas em uma comparação pejorativa. Entre as postagens, também foi identificado o comparativo com outras mulheres, seja para desqualificar ou avaliar bem a narradora em questão. É o que aparece a partir da seguinte afirmação, por exemplo: “Só não é pior q a segunda narradora da SporTV q não contente em ser ruim marrando futebol consegue ser catastrófica nas partidas da superliga de vôlei [sic]”. Há aqui também uma situação de *status quo*, ou seja, um modelo de narração que

não pode ser mudado, condicionando a própria narração a apenas um tipo/modelo, o que, do ponto de vista do fazer, afora a questão de gênero, já é cerceante e dominadora.

Reitera esta observação da análise, o fato de que aparecem elementos que fazem a identificação da presença ostensiva da alegação que relaciona o futebol como algo exclusivo do homem. Tal discurso, ancorado na argumentação tradicional da misoginia, pode ser observado em comentários como, por exemplo, em: “Péssima narradora. Mulher tem que narrar futebol feminino. Se narrar algum jogo do Flamengo, vou acompanhar o jogo no mudo, com a narração de outro canal lugar [sic]” e “A hora do jogo é sagrada... Já chega ouvir minha mulher falando o dia todo. Aí vc vai ver um joguinho na tv para distrair e é uma mulher narrando (osso viu) e não é pelo simples fato de ser mulher... Voz dela é horrível sem emoção nenhuma [emoji que indica tristeza] estão acabando com o futebol [sic]”. Também, reforçando a indicação de uma aceitação desde que no nicho do futebol de mulheres, em: “Sai daí Sua ridícula, tá atrapalhando o jogo, vai narrar jogo de futebol feminino, isso aqui é coisa de homem [sic]”. As noções dominantes do que é ser boa ou ruim no caso das mulheres (Araújo; Ventura, 2021) são reforçadas nos argumentos como em efeito de demarcação de espaço, em um discurso de busca pela devolução do futebol aos homens, para que a modalidade não seja arruinada – como alguns *tweets* anunciam, inclusive, chamando a *Globo*, como agente desse contexto, para avisá-la sobre essa destruição em curso.

Considerações

Embora a descrição anterior tenha sido mais sucinta, por conta do artigo, os resultados das análises elaboradas sobre a repercussão da estreia de voz feminina na narração em transmissões esportivas da *Rede Globo de Televisão* permitem indicar a permanência de uma estrutura discursiva, no nível do conteúdo, de preconceito quanto à presença da mulher narradora no âmbito do futebol e a demarcação desse espaço ainda estabelecido como de poder masculino, como mais um reforço da masculinidade. Como se pode mostrar, há tensionamentos promovidos majoritariamente por mulheres, muitas vezes com discussão que ainda fica restrita a nichos e bolhas em que se debate a inserção feminina no contexto esportivo. Mas, verifica-se que tais tensionamentos também ocorrem com a contribuição de homens, como é perceptível nos comentários de usuários do *Twitter* sobre a primeira narração

de Renata Silveira no canal aberto da emissora em questão, tanto em um jogo de futebol feminino como em partida da modalidade praticada por homens.

Mesmo a transmissão esportiva com narradora já não sendo algo tão inédito, a análise mostrou que a resistência à voz feminina permanece presente, como uma espécie de tabu, maior do que em relação a outras funções, como o comentário e a reportagem. Isto, apesar de as mulheres que atuam nelas também serem alvo de preconceito, como é perceptível no argumento discursivo acionado em *tweet* publicado no período de coleta para a segunda análise sobre a repercussão das estreias de Renata Silveira no canal aberto da *Globo*: “Faltou a @anathaismatos e na Central do apito a Nadine Bastos aí o pacote estaria completo para o desastre [sic]”. Em alguns *posts*, reforça-se uma argumentação de que ter uma narração feminina deporia contra um padrão de qualidade que seria característico da emissora, utilizado inclusive nas campanhas de marketing da rede⁸.

Apesar de menos presente, as referências à estética da narradora também estão sinalizadas em alguns textos, sendo possível identificar quatro formas de priorizar essa narrativa em relação ao tema: 1) elogio à narração em que a beleza da profissional é citada; 2) referência exclusiva à questão estética com a utilização de termos como “bela”; 3) oposição entre estética e qualidade, como em “Bonita, mas timbre terrível”; 4) referência à estética de forma sexualizada (“gostosinha até bicho [sic]”). Mesmo nos casos em que o argumento não desmerece a narradora, quando o autor acrescenta a avaliação estética a seu comentário remete a uma desidentificação da mulher enquanto profissional, retomando estratégias discursivas que reduzem o valor da figura feminina ao objeto do masculino, do olhar do outro, do padrão de beleza ao qual ela corresponde nesta sociedade que tende a enquadrá-la como objeto de desejo.

Elementos como essa questão estética, além da sustentação da masculinidade em muitos *tweets*, entre outros efeitos de sentido analisados, reforçam a relação entre os argumentos que avaliam a narração da mulher como negativa. Fortalecem, igualmente, preconceitos sociais referentes a machismo e misoginia que são parte da estrutura da sociedade em que os fatos se estabelecem. São elementos que partem do que Lauretis (2019) denomina por termos ditados pelo contrato patriarcal, que tem base no referencial androcêntrico, e que é reforçado pelos discursos hegemônicos. “A construção do gênero

⁸ Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/filme-destaca-o-compromisso-da-globo-com-qualidade-e-respeito.ghtml>. Acesso em: 21 out. 2023.

ocorre hoje através das várias tecnologias do gênero [...] e discursos institucionais [...] com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e “implantar” representações de gênero” (Lauretis, 2019, p. 144).

É recorrente nos comentários a elaboração de uma estrutura narrativa que justifique a crítica negativa, reforçando que se trata de uma avaliação não por ser a narradora mulher, mas por não apresentar a qualidade necessária para a função, como se o espaço em perfil pessoal nas redes sociais transformasse qualquer usuário do *Twitter* em especialista em critérios deste exercício profissional. Para isso, recorrem a palavras no diminutivo, referências a atividades domésticas, questionamentos sobre a necessidade de dissociar o que é preconceito de gênero do que seria apenas crítica à função e argumentos de que as mulheres deveriam reinventar a narração esportiva e não serem imitadoras do estilo masculino. Desconsideram, assim, que se não há espaço para o tradicional, dificilmente elas teriam para inventarem algo novo para a função à qual já é difícil que consigam exercer.

Apesar de ter também recepção positiva, como destacado na matéria “Renata Silveira estreia como narradora na Globo, e web comemora: ‘Histórico’”, publicada pelo jornal Folha de São Paulo⁹, e também perceptível a partir dos textos analisados no desenvolvimento desta pesquisa, ainda há forte influência de discursos machistas, isto é, que naturalizam “as diferenças sexuais para justificar os arranjos sociais patriarcais” (Araújo; Ventura, 2021). São narrativas que têm efeitos de sentido relativos à misoginia na forma como as pessoas, principalmente homens, reagem à maior inserção de mulheres na cobertura jornalística de futebol. Conforme Araújo e Ventura (2021), parte do ambiente social, a ação da misoginia está na separação das mulheres entre boas, que correspondem ao que é esperado delas no contexto androcêntrico, e más, entre tantas outras oposições binárias e excludentes. Faz parte também do que define quem pode e quem não está autorizado a falar sobre determinados assuntos, como, neste caso, o futebol, reforçando o sistema de discriminação.

Observa-se maior resistência à normalização da voz feminina para a narração em transmissões de competições profissionais da modalidade, o que é ainda mais intenso e agressivo quando o jogo em questão é de futebol masculino. Assim como há um gênero esperado de quem integra a plateia, o próprio jornalismo esportivo também define qual é o gênero que diz a ela sobre o esporte, refletindo a continuidade dessas relações como elas se

⁹ Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2022/02/renata-silveira-estrela-como-narradora-na-globo-e-web-comemora-historico.shtml>. Acesso em: 20 ago. 2022.

estabeleceram historicamente. “A construção do gênero através de sua representação vem acontecendo hoje tanto quanto ou até mais do que em qualquer outro tempo” (Lauretis, 2019, p. 135). É possível inferir, a partir da interlocução entre os conceitos teóricos aqui trabalhados e os resultados da pesquisa empírica, que o futebol se apresenta como elemento de reforço dos padrões culturais de gênero, mesmo que hoje seja tensionado em sua constituição como espaço legítimo da masculinidade hegemônica (Pacheco; Silva, 2020).

A estreia de uma mulher na narração de um jogo de futebol na emissora que é a principal referência em transmissões da modalidade é uma quebra na construção hegemônica de gênero. É algo que corrobora com os indicativos das pesquisas de Rial (2003) e Pacheco e Silva (2021) de que a presença das mulheres na mídia esportiva tem aumentado, em dois diferentes momentos. Entretanto, os comentários apresentados em *tweets* que reforçam discursos machistas e misóginos, ainda em grande número, reforçam que elas ainda são, como analisam Pacheco e Silva (2021, p. 2), “sistematicamente excluídas, invisibilizadas e sofrem violência física e simbólica nesse campo”. Além disso, como também destacam estes autores, o sucesso individual, assim como a presença esporádica, não oculta a ausência majoritária. É preciso mais para que se abra espaço a uma construção diferente do gênero no âmbito do esporte. Assim como analisava Goellner (2005), o futebol é um espaço em que ainda é necessário às mulheres a resignificação de alguns sentidos que estão a ele incorporados, sentidos que as afastam de chamá-lo de seu.

Referências

‘AMULETO’ do Botafogo, Renata Silveira fará narração histórica na Globo: ‘Que todo esse astral e energia positiva me acompanhem’. **Fogaonet**. Disponível em: <https://www.fogaonet.com/noticias-do-botafogo/amuleto-do-botafogo-renata-silveira-fara-narracao-historica-na-globo-que-todo-esse-astral-e-energia-me-acompanhem/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

ARAÚJO, É. A.; VENTURA, M. Misoginia no Futebol Feminino: retratos históricos no jornalismo esportivo. *In*: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 44, 2021, Remoto. **Anais...** São Paulo: Intercom, p. 1-15, 2021.

ASSIS, Ingrid Pereira de; EMERIM, Cárlica. Da Semiótica Discursiva a uma proposta de análise de produtos audiovisuais no Webjornalismo.. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40, 2017, Curitiba. **Anais...** São Paulo: Intercom, p. 1-15, 2021.

BARROS, D. L. P. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Editora Parma, 2005.

DAMATTA, R. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, R. *et. al.* **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982. p. 19-42.

EMERIM, Cárlica. Relações semióticas: O JN 2020 e as inserções publicitárias. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 43, 2020, Remoto. **Anais...** São Paulo: Intercom, p. 1-15, 2020.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira. Narradoras em Transmissões Esportivas no Brasil: Mapeamento Histórico da Presença Feminina na Narração em Veículos de Rádio, Televisão e Internet. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 44, 2021, Remoto. **Anais...** São Paulo: Intercom, p. 1-15, 2021.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GUERRA, M. O. **TV X Rádio: o jogo da narração**. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 246. 2006.

JOHN, V. M. Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos jogos olímpicos de Londres 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, p. 498-509, 2014.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MORGADO, F. O pioneirismo do Rio de Janeiro nas transmissões experimentais da TV Tupi. *In: VI Encontro Regional Sudeste de História da Mídia*, 6, 2020, Niterói. **Anais...** São Paulo: Alcar, p. 1-13, 2020.

ORTIZ, J. Futebol televisionado e recepção no Twitter. **Interin**, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 19-31, 2013.

PACHECO, L. T.; SILVA, S. R.. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 3, e61002, 2020.

PORTUGUESA-RJ x Corinthians: veja onde assistir, escalações, desfalques e arbitragem. **GE**. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/copa-do-brasil/noticia/2022/04/20/portuguesa-rj-x-corinthians-veja-onde-assistir-escalacoes-desfalques-e-arbitragem.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2022.

RENATA Silveira estreia como narradora na Globo, e web comemora: 'Histórico'. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2022/02/renata-silveira-estreia-como-narradora-na-globo-e-web-comemora-historico.shtml>. Acesso em: 20 ago. 2022.

RIAL, C. Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa. **Antropolítica**, Niterói, v. 14, n. 1, p. 61-80, 2003.

SANTOS, A. D. G. **A consolidação de um monopólio de decisões**: a Rede Globo e a transmissão do Campeonato Brasileiro de Futebol. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2013.

SAVENHAGO, I. J. S. Futebol na TV: evolução tecnológica e linguagem de espetáculo. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 25, n. 58, p. 22-31, 2011.

SCHINNER, C. F. **Manual dos locutores esportivos**: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão. São Paulo: Panda Books, 2004.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

TRANSMISSÃO - SEMIFINAL: FLAMENGO X GRÊMIO. Apresentado (narração) por Renata Silveira. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, 9 fev. 2022, 15h30. Duração 115 min.

VIMIEIRO, A. C. *et al.* A economia cultural do futebol brasileiro no século XXI: comodificação, hibridez e contradições. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-34, 2019.

TWEETDECK. Disponível em: <https://tweetdeck.twitter.com/>. Acesso em 15 ago. 2022.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Circulação e recirculação de narrativas do acontecimento no Jornalismo em Rede**: A Copa do Mundo de 2014 no Twitter. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

Dados de Autoria

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro

E-mail: raphaelaferro@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5887-0939>

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Minibiografia: Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJor-UFSC). Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialista em Assessoria de Comunicação e Marketing (UFG). Integra o Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Valci Regina Mousquer Zuculoto

E-mail: valzuculoto@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2453-3990>

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Minibiografia: Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), com pós-doutorado pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Professora dos cursos de graduação e pós-graduação em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq).

Cárlida Emerim

E-mail: carlidaemerim@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4104-9797>

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Minibiografia: Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com pós-doutorado em Arte e Semiótica Televisual pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora dos cursos de graduação e pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordena o Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele/UFSC/CNPq).

Dados do artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:

Não se aplica.

Fontes de financiamento:

Uma das autoras recebe bolsa de estudos, no nível de doutorado, pelo Programa de Demanda Social da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) - Brasil - Código de Financiamento 001.

Apresentação anterior:

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais:

Não se aplica.

Apenas para textos em coautoria

Concepção e desenho da pesquisa:

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro, Valci Regina Mousquer Zuculoto, Cárilda Emerim.

Coleta de dados:

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro.

Análise e/ou interpretação dos dados:

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro, Valci Regina Mousquer Zuculoto, Cárilda Emerim.

Escrita e redação do artigo:

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro, Valci Regina Mousquer Zuculoto, Cárilda Emerim.

Revisão crítica do conteúdo intelectual:

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro, Valci Regina Mousquer Zuculoto, Cárilda Emerim.

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós:

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro.

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Não.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não se aplica.

Liste os financiadores da pesquisa:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não.

Que interferências foram detectadas?

Não se aplica.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo

Não há conflitos de interesse.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

Não se aplica.